

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. (2006) In: SUASSUNA, A. *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.

Aristóteles. (1993) *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica.

CARDOSO, Zélia de Almeida. (1993) In: Aristóteles/*Poética*; tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica Editora.

ELIOT, T.S. (2004) *Obra Completa*, vol 1. Tradução de Ivan Junqueira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GALTUNG, Johan. (1987) "Language and War: Is there a Connection?" *Current Research on Peace and Violence*, v. 10, no. 1, pp. 2-6.

HAUSMAN, Carl R. (1989) *Metaphor and Art: Interactionism and Reference in the Verbal and Nonverbal Arts*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

JOHNSON, Mark. (1987) *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: University of Chicago Press.

JOHNSON, Mark. (1992) "Philosophical Implications of Cognitive Semantics." *Cognitive Linguistics*, v. 3, no. 4, pp. 345-366.

KOVECSES, Zoltan. (1989) *Emotion Concepts*. New York: Springer-Verlag.

LAKOFF, George and JOHNSON, Mark. (1980) *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press.

LAKOFF, George. (1985) "A metáfora, as teorias populares e as possibilidades do diálogo", In: Caderno de Estudos Lingüísticos, 9, PP. 49-68.

LAKOFF, George. (1986) "A figure of thought", In: *Metaphor and Symbolic Activity*, 1 (13), PP. 215-225.

LAKOFF, George and Turner, Mark. (1989) *More than Cool Reason: A field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.

LAKOFF, George. (1987) *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press.

LAKOFF, George. (1990) "The Invariance Hypothesis: Is abstract reason based on image-schemas?" *Cognitive Linguistics*, v. 1, nº. 1, pp. 39-74.

LAKOFF, George. (1993) "The Contemporary Theory of Metaphor." In Ortony, Andrew (ed.) *Metaphor and Thought*, 2nd. ed., Cambridge University Press.

NEVES, José Luis. (1996) *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. In: Cadernos de pesquisas em administração, São Paulo, V. 1. Nº 3, 2º SEM.

ORTONY, Andrew. (1991) *Metaphor and Thought, Second Edition*. New York: Cambridge University Press.

STEEN, G. (1984) *Understanding Metaphor in Literature*. London: Longman.

SUASSUNA, A. (2006) *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.

SWEETSER, Eve. (1990) *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. New York: Cambridge University Press.

SWIFT, Jonathan. (1726) *Gulliver's Travels*. Boston: Houghton Mifflin ed., 1960.

TURNER, Mark. (1991) *Reading Minds: the study of English in the age of cognitive science*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

VIZIOLI, Paulo. *Poetas Norte Americanos – Edição Comemorativa do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos da América 1776-1976, Antologia Bilingüe*. Editora Lidador, pp. 43.

WHORF, Benjamin Lee. (1956) *Language, Thought and Reality: Selected Writings*. Cambridge, MA: M.I.T. Press.

WINTER, Steven. (1992) *Death Is the Mother of Metaphor*, 105 Harv. L. Rev. 745.

ZANOTTO, M.S.; MOURA, H.M. DE M.; NARDI, M.I.A.; VEREZA, S.C. (2002) "Apresentação à Edição Brasileira". In: Lakoff, G; Johnson, M. *Metáforas da vida cotidiana*. [coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto] – Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: EDUC.

7

Anexos

1

Lista das metáforas encontradas por ordem de sua aparição no texto

1. Notícia da Pedra do Reino, com seu Castelo enigmático, *cheio de sentidos ocultos!* p. 27
2. *Ave Musa incandescente do deserto do Sertão!* p. 27
3. Como pode ser a respiração dessa *Fera estranha, a Terra – esta Onça-Parda* em cujo dorso habita a raça piolhosa dos homens. p. 31
4. Pode ser, também, a respiração ferosa dessa outra *Fera, a Divindade, Onça-Malhada que é a dona da Parda*, e que p.31
5. há milênios, acicata a nossa Raça, *puxando-a para o alto*, para o Reino e para o Sol. p. 31
6. Daqui de cima, porém, o que vejo agora é *a tripla face, de Paraíso, Purgatório e Inferno, do Sertão*. p. 31
7. vejo pedras, lagedos e serrotes, cercando a nossa Vila e cercados, eles mesmos, por Favelas espinhentas e Urtigas, *parecendo enormes Lagartos cinzentos, malhados de negro e ferrugem; Lagartos venenosos, adormecidos, estirados ao Sol e abrigando Cobras, Gaviões e outros bichos ligados à crueldade da Onça do mundo*. p. 32
8. vê-se uma *rica Pérola, engastada em fino Ouro, que é a muito nobre e sempre leal Vila da Ribeira do Taperoá*, banhada pelo rio do mesmo nome. p. 33
9. Sou um grande apreciador do jogo do baralho. Talvez por isso, *o mundo me pareça uma mesa* p. 34
10. e *a vida um jogo*, onde se cruzam fidalgos Reis-de-Ouro com Castanhas Damas-de-Espada, onde passam Ases, Peninchas e Curingas, governados pelas regras desconhecidas de alguma velha Canastra esquecida. p. 34
11. esta é uma solicitação dirigida *aos brandos peitos das mulheres e filhas de Vossas Excelências*. p. 35

12. *As esporas, como estrelas de fogo.* p. 36
13. *O fundo do quadro* era formado pelos enormes Lajedos sertanejos. p. 38
14. no processo que veio *bater* comigo aqui, na Cadeia de Taperoá. p. 39
15. sendo que esta, *braço* transversal da cruz p. 39
16. trazia às costas um mosquetão atravessado, preso *a seu tronco* p. 40
17. Olhe, Quaderna, no dia em que eu der um salto e um grito, você pode correr: foi porque a Onça já comeu metade *da polpa da minha bunda!* p. 42
18. E o próprio Donzel, assim, com aquela roupa de couro predominantemente amarela e vermelha, *parecia (todo ele ouro, sangue e coração)* um Valete de Copas montado num cavalo branco e escoltado por uma tropa sertaneja de peninchas e valetes-de-paus ou de espadas. p. 46
19. Cavaleiros *à altura de* uma história bandeirosa e cavalariana como a minha. p. 50
20. foram eles os primeiros *a cair numa emboscada.* p. 51
21. um Negro moço, *desempenado.* p. 51
22. o Negro Ludugero – ou Ludugero Cobra-Preta, como também era conhecido – *deu um rincho de jumento* e, levando o rifle à cara, atirou. p. 52
23. golfadas de sangue, logo *bebidas pelo Sol e pelo pó.* p. 53
24. “*da realidade rasa e cruel do mundo*” p. 54
25. as forças da violência e as divindades subterrâneas ainda estavam *adormecidas em seu sangue* p. 58
26. pois não tinham sido *despertadas pelo veneno do nosso convívio.* p. 58
27. porque ele era amado pelo Povo sertanejo, que *depositava nele as últimas esperanças* de um enigmático Reino. p. 60
28. A princípio, a história de minha família era para nós, Ferreira-Quadernas, uma espécie de estigma vergonhoso e de *mancha indelével do noso sangue.* p. 63
29. O Execrável, *no espaço de três dias*, mandou degolar 53 pessoas. p. 63
30. Fiquei terrivelmente *abalado* p. 64
31. Fiquei, assim, apavorado e *fulminado*, por descender do sangue ferreiral-e-quadernesco p. 64
32. *carregado* com tantos crimes! p. 64
33. Só depois, aos poucos, *unindo aqui e ali uma ou outra idéia* que Samuel, Clemente e os outros me forneciam, é que fui entendendo melhor as coisas e descobrindo que podia, mesmo, transformar em motivo de honras, monarquias e

cavalarías gloriosas, aquilo que meu Pai escondia como mancha e estigma do sangue real dos Quadernas.p. 64

34. E, com isso, comecei a me libertar do *peso exclusivo de toda aquela carga de sangue*. p. 64

35. tenho, ainda, *umas gotas de sangue judaico, herdadas de minha Mãe* p. 65

36. Depois daí, mesmo quando minha imaginação *pegava fogo* p. 65

37. minha razão *vinha em socorro* da consciência p. 65

38. na Sexta-Feira da Paixão de cada ano, *os catozeleiros começam a gemer*, as pedras a refulgir no castanho e nas incrustações de prata ou malacacheta p. 66

39. e as coroas-de-frade começam a *minar sangue*, vermelho e vivo como se tivesse sido há pouco derramado. p. 66

40. Tudo isso ia sendo pacientemente estudado e entendido por mim que, à medida que me punha adulto, ia *guardando tudo isso em meu coração* p. 71

41. Foi por ter *ido nessa conversa* que meu tio Dom João I perdeu esse nome, tão régio e glorioso, recebendo outro, apenas ducal p. 74

42. Disse-lhe que, apesar de ter abdicado, *deixara lá, bem plantados, os alicerces e fundamentos da Pedra do Reino do Sertão*. p. 74

43. a idéia sagrada e gloriosa de banhar as torres do nosso Castelo de Pedra com o sangue dos inocentes. É por isso que o Terceiro Império é que realmente *selou o sangue* dos Quadernas com o estigma indelével da realeza. p. 75

44. *A traição emboscava* o Sagrado Império da Pedra do Reino. p. 75

45. meu bisavô teve a gloriosa coragem de iniciar o grande *banho-de-sangue*. p. 76

46. “... iam sendo colocados *ao pé das Pedras*”. p. 79

47. *Chegamos, então, ao trecho mais epopéico, bandeiroso e cavalariano da história* da Pedra do Reino. p. 81

48. *atraindo sobre a cabeça do Princepezinho as marcas de sangue da família*. p. 84

49. Eu, à medida que me punha *taludo*. p. 86

50. Tudo isto, juntamente com o desejo que eu sentia por Rosa, que foi minha escolhida, é claro, criou em mim *uma exaltação que me jogou para o alto e para além de mim* mesmo. p. 87

51. *O sonho e o sangue se misturavam num fogo só, incendiado* pelo desejo, pela beleza da mocinha, pelos cantos, pela noite, pela lua e pelas estrelas. p. 87

52. As palavras do canto marcavam-me mais ainda porque *seu sentido era obscuro* e estranho. p. 87
3. sacralizado pela luz da *lua*, que me parecia, ela também, *uma bola de ouro*, molhada pelo sangue de aragão que pingava da noite no mato, à poeira de prata de sua luz. p. 88
54. – E um Cavaleiro? – insisti, *depois de anotar, em meu sangue, aquela noção de Princesa*, misturada para sempre, agora, ao cheiro e aos seios de Rosa. p. 88
55. “... enquanto *a bola de ouro da lua se molha no sangue de aragão que pinga da noite*, em sua luz de moeda de prata!”. p. 89
56. Aí, à medida que eu ia crescendo, *essas idéias iam cada vez mais se enraizando no meu sangue*. p. 89
57. pela velha Maria Galdina, *uma velha meio despilotada do juízo*, que nos freqüentava. p. 89
58. Uma região do nosso município onde *só dá doido*. p. 90
59. *Uma ou duas braçadas de rosas* do seu terreiro. p. 90
60. *tudo de repente pegou fogo em minha cabeça*. p. 91
61. Tudo isso, porém, era a princípio apenas uma raiz do sangue, uma peçonha confusa que *fincava dentro de mim suas raízes profundas e inarrancáveis*. p. 92
62. – Vem comigo, meu Vaqueiro!
Por que essa vista baixa?
 Levanta os olhos, que vês
 a Estrela da Madrugada! p. 97
63. Só depois de adulto, aprofundando meus conhecimentos religiosos e astrológicos e estudando o Catolicismo da Pedra do Reino, foi que descobri *como essa noção é profunda*. p. 99
64. Tornava também o mundo, aquele mundo sertanejo, áspero, pardo e pedregoso, um Reino Encantado, semelhante àquele que meus bisavós tinham instaurado e que ilustres Poetas-acadêmicos tinham incendiado de uma vez para sempre em meu sangue. *Minha vida, cinzenta, feia e mesquinha, de menino sertanejo reduzido à pobreza e à dependência pela ruína da fazenda do Pai, enchia-se dos galopes, das cores e bandeiras das Cavalhadas, dos heroísmos e cavalarias dos folhetos*. p. 100
65. Foi feito do pó da terra,
no Pó da terra termina! p. 101

66. *a estrada do Passado e do Presente*. p. 101
67. Hoje, *tornados em Pó*,
resta a Memória, somente! p. 101
68. foram ainda esses versos que *me queimaram a memória, pegando fogo em meu sangue*. p. 103
69. Resolvi *cortar o mal pela raiz*. p. 104
70. Era a solução para o *beco sem saída* em que me via. p. 107
71. Todas essas grandezas e monarquias iam, assim, *tocando fogo em meu sangue*. p. 105
72. eu *baixava a cabeça*, corria de enfrentar morte cruel para realizar minha realeza, e confessava para mim que preferia ser covarde vivo a ser um Rei degolado. p. 105
73. Estavam as coisas *nesse pé*. p. 105
74. Foi um grande momento em minha vida. Era a solução para o *beco sem saída em que me via!* Era me tornando Cantador que eu poderia *reerguer, na pedra do Verso, o Castelo do meu Reino*, reinstalando os Quaderns no Trono do Brasil, sem arriscar a garganta e sem me meter em cavalarias, para as quais não tinha nem tempo nem disposição, montando mal como monto e atirando pior ainda! p. 107
75. *Anexei às raízes do sangue aquela fundamental aquisição do Castelo literário*, e continuei a refletir e sonhar, errante pelo mundo dos Folhetos. p. 107
76. Ela *mora aí, no repertório literário que tenho, depositado*, a cargo da Mulher que amo! p. 110
77. Monsenhor Agnelo, descobrindo que *o fruto estava maduro*, pensava: “Agora é necessário aplicar-lhe um pouco de óleo sensual que lhe sirva de antídoto. p. 111
78. “Chegou no Seridó, *liso*: não tendo de que viver”. p. 112
79. Ela, por ser inocente, *caiu no laço do Cão!* p. 113
80. A Velha disse: – Meu Velho, é mesmo! Não mate João, senão nossa filha fica perdida e *sem cotação!* p. 114
81. Assim, aos poucos, ia se formando no meu sangue o projeto de eu mesmo erguer, de novo, poeticamente, meu Castelo pedregoso e amuralhado. Tirando daqui e dali, *juntando o que acontecera com o que ia sonhando*, terminaria com um Castelo afortalezado, de pedra, com as duas torres centradas no coração do meu Império. p. 115

82. Era um sonho grandioso, um sonho *à altura da estirpe dos Quadernas*. p. 116
83. *Com essas coisas ardendo na cabeça*, passei a noite de ano-novo de 1934 na mais tensa expectativa. p. 118
84. não poderia impedir que *irrompesse de dentro dele aquela violência obscura e cega que morava nos recessos de seu sangue* e que foi a causa de tantos infortúnios para nós e para ele mesmo. p. 119
85. (...) em cuja casa chegamos *com a noite já caindo*. p. 121
86. *Aquela altura*, eu já estava em petição de miséria. p. 121
87. Acresce que, perante Malaquias e as pessoas de sua roda, eu era respeitado exatamente por aquilo que, para mim, era uma *fonte de humilhação*. p. 123
88. Deixei a vereda, entrei pelo mato, *parei a certa altura* p. 127
89. *O Sol já começava a cair* p. 129
90. *As Marrecas enchem mais a vista* p. 129
91. *Minha cabeça estava pegando fogo* p. 131
92. – E por que é que a Serra do Reino é tão “falada”, assim? – perguntei, *jogando verde para colher maduro*. p. 135
93. Um tal de João Ferreira coroou-se Rei, na Serra do Reino, e *meteu na cabeça do Povo* que Dom Sebastião ia ressuscitar aqui, tornando os pobres ricos! p. 136
94. *Meu coração deu um pulo no peito*. p. 137
95. Cachoeira continuava à frente, e, apesar dos seus setenta anos, ia com o passo lépido e seguro de andarilho sertanejo, *com o tronco desempenado*, seco e duro. p. 140
96. Em tempo de me acabar de ansiedade, com as mãos trêmulas e a vista meio escura, *com ar de doido*, coloquei rapidamente outro cartucho na espingarda e, encostando o cano bem no cabelouro da bruta, disparei-lhe o tiro de misericórdia. p. 144
97. Assim, não admira que eu me aproximasse agora da Pedra do Reino com *o coração galopando*. p. 146
98. Em algum lugar, ali perto, escancarou-se *a boca-de-fornalha do sertão*, *o bafio ardente e felino* me crestou. p. 151
99. Infelizmente, porém, *esses momentos são puros e ardentes demais, para durar*. p. 152
100. *o próprio Taparica já estava começando a pegar fogo* com a história da Pedra do Reino e com a possibilidade de ser Príncipe. p. 153

2

Metáforas classificadas segundo a tipologia da teoria cognitiva da metáfora, com informações sobre domínios fonte e alvo envolvidos, e subclassificação quanto ao grau de novidade

Legenda:

TI → metáforas totalmente inusitadas

PI → metáforas parcialmente inusitadas

C → metáforas cristalizadas

Observação: as metáforas que aparecem destacadas são metáforas que apresentaram mais de uma classificação, segundo a tipologia da teoria cognitiva da metáfora.

Grupo 1: Metáforas imagéticas

7. **IMAGÉTICA E ONTOLÓGICA** “vejo pedras, lagedos e serrotes, cercando a nossa Vila e cercados, eles mesmos, por Favelas espinhentas e Urtigas, *parecendo enormes Lagartos cinzentos, malhados de negro e ferrugem; Lagartos venenosos, adormecidos, estirados ao Sol e abrigando Cobras, Gaviões e outros bichos ligados à crueldade da Onça do mundo*” (p. 32) // C; OBJETOS INANIMADOS SÃO SERES VIVOS
12. IMAGÉTICA “*As esporas, como estrelas de fogo*” (p. 36)
13. IMAGÉTICA “*O fundo do quadro era formado pelos enormes Lajedos sertanejos*” (p. 38)
18. IMAGÉTICA “E o próprio Donzel, assim, com aquela roupa de couro predominantemente amarela e vermelha, *parecia (todo ele ouro, sangue e coração)* um Valete de Copas montado num cavalo branco e escoltado por uma tropa sertaneja de peninchas e valetes-de-paus ou de espadas” (p. 46)
53. IMAGÉTICA “sacralizado pela luz da *lua*, que me parecia, ela também, *uma bola de ouro*, molhada pelo sangue de aragão que pingava

da noite no mato, à poeira de prata de sua luz” (p. 88)

Grupo 2: Metáforas ontológicas

1. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “Notícia da Pedra do Reino, com seu Castelo enigmático, *cheio de sentidos ocultos!*” (p. 27) // C; SENTIDOS SÃO ENTIDADES // C; COMPREENDER É VER
2. ONTOLÓGICA “Ave *Musa incandescente* do deserto do Sertão!” (p. 27) // PI; INSPIRAÇÃO É UMA MULHER INCANDESCENTE
3. ONTOLÓGICA “Como pode ser a respiração dessa *Fera estranha, a Terra – esta Onça-Parda* em cujo dorço habita a raça piolhosa dos homens” (p. 1) // I; O MUNDO É UMA ONÇA-PARDA
4. ONTOLÓGICA “Pode ser, também, a respiração ferosa dessa outra *Fera, a Divindade, Onça-Malhada que é a dona da Parda*” (p.31) // I; DEUS É UMA ONÇA-MALHADA
6. ONTOLÓGICA “Daqui de cima, porém, o que vejo agora é *a tripla face*, de Paraíso, Purgatório e Inferno, do Sertão” (p. 31) // C; LUGARES SÃO ENTIDADES
7. **IMAGÉTICA E ONTOLÓGICA** “vejo pedras, lagedos e serrotes, cercando a nossa Vila e cercados, eles mesmos, por Favelas espinhentas e Urtigas, *parecendo enormes Lagartos cinzentos, malhados de negro e ferrugem; Lagartos venenosos, adormecidos, estirados ao Sol e abrigando Cobras, Gaviões e outros bichos ligados à crueldade da Onça do mundo*” (p. 32) // C; OBJETOS INANIMADOS SÃO SERES VIVOS
8. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “(...) vê-se uma *rica Pérola, engastada em fino Ouro, que é a muito nobre e sempre leal Vila da Ribeira do Taperoá*, banhada pelo rio do mesmo nome” (p. 33) // C; LUGARES SÃO PESSOAS // C; LUGARES SÃO OBJETOS VALIOSOS
14. ONTOLÓGICA “no processo que veio *bater* comigo aqui, na Cadeia de Taperoá” (p. 39) // C; PROCESSOS (LEGAIS) SÃO ENTIDADES
15. ONTOLÓGICA “sendo que esta, *braço transversal da cruz*” (p. 39) C; ENTIDADES INANIMADAS SÃO PESSOAS
23. ONTOLÓGICA “golfadas de sangue, logo *bebidas pelo Sol e pelo pó*”

(p. 53) // PI; ENTIDADES NATURAIS SÃO PESSOAS

25. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “as forças da violência e as divindades subterrâneas *ainda estavam adormecidas* em seu sangue” (p. 58) // PI; SENTIMENTOS SÃO PESSOAS // C; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER

27. **ORIENTACIONAL E ONTOLÓGICA** “(...) porque ele era amado pelo Povo sertanejo, que *depositava nele as últimas esperanças* de um enigmático Reino” (p. 60) // C; PESSOAS SÃO RECIPIENTES (par orientacional dentro-fora) // C; SENTIMENTOS SÃO ENTIDADES

33. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “Só depois, aos poucos, *unindo aqui e ali uma ou outra idéia* que Samuel, Clemente e os outros me forneciam, é que fui entendendo melhor as coisas e descobrindo que podia, mesmo, transformar em motivo de honras, monarquias e cavalarias gloriosas, aquilo que meu Pai escondia como mancha e estigma do sangue real dos Quadernas” (p. 64) // C; IDÉIAS SÃO OBJETOS (COISAS) // PENSAR É MANIPULAR OBJETOS

37. ONTOLÓGICA “minha razão *vinha em socorro* da consciência” (p. 65) // C; FACULDADES MENTAIS SÃO PESSOAS

38. ONTOLÓGICA “na Sexta-Feira da Paixão de cada ano, *os catozeiros começam a gemer*, as pedras a refulgir no castanho e nas incrustações de prata ou malacacheta” (p. 66) // PI; ENTIDADES NATURAIS SÃO PESSOAS

39. ONTOLÓGICA “e as coroas-de-frade começam a *minar sangue*, vermelho e vivo como se tivesse sido há pouco derramado” (p. 66) // PI; PLANTAS SÃO PESSOAS

40. **ORIENTACIONAL E ONTOLÓGICA** “Tudo isso ia sendo pacientemente estudado e entendido por mim que, à medida que me punha adulto, ia *guardando tudo isso em meu coração*” (p. 71) // C; PESSOAS SÃO RECIPIENTES (par orientacional dentro-fora) // C; IDÉIAS SÃO ENTIDADES

44. ONTOLÓGICA “*A traição emboscava* o Sagrado Império da Pedra do Reino” (p. 75) // C; EVENTOS SÃO PESSOAS

51. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “*O sonho e o sangue se misturavam num fogo só, incendiado* pelo desejo, pela beleza da mocinha,

pelos cantos, pela noite, pela lua e pelas estrelas” (p. 87) // C; SONHO É SUBSTÂNCIA e I; ALMA É SONHO // C; AMOR É FOGO // PI; SANGUE É CORPO (metonímia) em ESTRUTURAL

52. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “As palavras do canto marcavam-me mais ainda porque *seu sentido era obscuro e estranho*” (p. 87) // C; SENTIDOS SÃO ENTIDADES // C; COMPREENDER É VER

55. ONTOLÓGICA “... enquanto a bola de ouro da lua se molha no sangue de aragão *que pinga da noite*, em sua luz de moeda de prata!” (p. 89) // C; FENÔMENOS NATURAIS SÃO PESSOAS

64. **ESTRUTURAL // ONTOLÓGICAS // ORIENTACIONAL** “Tornava também o mundo, aquele mundo sertanejo, áspero, pardo e pedregoso, um Reino Encantado, semelhante àquele que meus bisavós tinham instaurado e que ilustres Poetas-acadêmicos tinham incendiado de uma vez para sempre em meu sangue. *Minha vida, cinzenta, feia e mesquinha, de menino sertanejo reduzido à pobreza e à dependência pela ruína da fazenda do Pai, enchia-se dos galopes, das cores e bandeiras das Cavalhadas, dos heroísmos e cavalarias dos folhetos*” (p. 100); // PI; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER e C; ESTIMULAR É QUEIMAR// C; A VIDA É UMA PESSOA // C; POBREZA É EMBAIXO

81. **ESTRUTURAL E ONTOLÓGICA** “Assim, aos poucos, ia se formando no meu sangue o projeto de eu mesmo erguer, de novo, poeticamente, meu Castelo pedregoso e amuralhado. Tirando daqui e dali, juntando o que acontecera com o que ia sonhando, terminaria com um Castelo afortalezado, de pedra, com as duas torres centradas no coração do meu Império” (p. 115) // C; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER // C; EXPERIÊNCIAS SÃO ENTIDADES

84. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “não poderia impedir que *irrompesse de dentro dele aquela violência obscura e cega que morava nos recessos de seu sangue* e que foi a causa de tantos infortúnios para nós e para ele mesmo” (p. 119) // PI; SENTIMENTOS SÃO PESSOAS // C; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER

94. *Meu coração deu um pulo no peito*. p. 137 C; PARTES DO CORPO SÃO PESSOAS

97. ONTOLÓGICA “Assim, não admira que eu me aproximasse agora da Pedra do Reino com *o coração galopando*” (p. 146) // C; PARTES DO CORPO SÃO ANIMAIS

98. ONTOLÓGICA “Em algum lugar, ali perto, escancarou-se *a boca-de-fornalha do sertão, o bafo ardente e felino* me crestou” (p. 151) // I; SERTÃO É ANIMAL FELINO

99. ONTOLÓGICA “Infelizmente, porém, *esses momentos são puros e ardentes demais, para durar*” (p. 152) // C; ACONTECIMENTOS SÃO ENTIDADES

Grupo 3: Metáforas orientacionais

5. **ESTRUTURAL E ORIENTACIONAL** [A divindade que] “há milênios, *acicata* a nossa Raça, *puçando-a para o alto*, para o Reino e para o Sol” (p. 31) PI; CONTROLAR É CAVALGAR// C; EM CIMA É PODER e EM CIMA É POSITIVO

19. ORIENTACIONAL “Cavaleiros *à altura de* uma história bandeirosa e cavalariana como a minha” (p. 50) // C; VIRTUDE É EM CIMA

20. ORIENTACIONAL “foram eles os primeiros *a cair numa emboscada*” (p. 51) // C; ESTAR SOB CONTROLE É EMBAIXO

24. ORIENTACIONAL “da realidade rasa e cruel do mundo” (p. 54) // C; EMBAIXO É NEGATIVO

27. **ORIENTACIONAL E ONTOLÓGICA** “(...) porque ele era amado pelo Povo sertanejo, que *depositava nele as últimas esperanças* de um enigmático Reino” (p. 60) // C; PESSOAS SÃO RECIPIENTES (par orientacional dentro-fora) // C; SENTIMENTOS SÃO ENTIDADES

40. **ORIENTACIONAL E ONTOLÓGICA** “Tudo isso ia sendo pacientemente estudado e entendido por mim que, à medida que me punha adulto, ia *guardando tudo isso em meu coração*” (p. 71) // C; PESSOAS SÃO RECIPIENTES (par orientacional dentro-fora) // C; IDÉIAS SÃO ENTIDADES

41. ORIENTACIONAL “Foi por ter *ido nessa conversa* que meu tio Dom João I perdeu esse nome, tão régio e glorioso, recebendo outro, apenas ducal” (p. 74) // C; CONVERSAR É DESLOCAR-SE NO ESPAÇO

(Conversa é veículo)

46. ORIENTACIONAL “... iam sendo colocados *ao pé das Pedras*” (p. 79) // C; POSIÇÃO É PÉ

47. ORIENTACIONAL “*Chegamos, então, ao trecho mais epopéico, bandeiroso e cavalariano da história da Pedra do Reino*” (p. 81) // C; NARRAR É DESLOCAR-SE NO ESPAÇO

50. ORIENTACIONAL “Tudo isto, juntamente com o desejo que eu sentia por Rosa, que foi minha escolhida, é claro, criou em mim *uma exaltação que me jogou para o alto e para além de mim mesmo*” (p. 87) // C; FELIZ É ACIMA

57. ORIENTACIONAL (ESPACIAL) E ESTRUTURAL “pela velha Maria Galdina, *uma velha meio despilotada do juízo*, que nos freqüentava” (p. 89) // PI; PENSAR É DESLOCAR-SE NO ESPAÇO // PI; MENTE É VEÍCULO.

62. ORIENTACIONAL “– Vem comigo, meu Vaqueiro! / *Por que essa vista baixa?* / Levanta os olhos, que vês a Estrela da Madrugada!” (p. 97) // C; TRISTE É EMBAIXO

63. ORIENTACIONAL “Só depois de adulto, aprofundando meus conhecimentos religiosos e astrológicos e estudando o Catolicismo da Pedra do Reino, foi que descobri *como essa noção é profunda*” (p. 99) // C; COMPREENDER É DESLOCAR-SE PARA O FUNDO

64. ESTRUTURAL // ONTOLÓGICAS // ORIENTACIONAL “Tornava também o mundo, aquele mundo sertanejo, áspero, pardo e pedregoso, um Reino Encantado, semelhante àquele que meus bisavós tinham instaurado e que ilustres Poetas-acadêmicos tinham incendiado de uma vez para sempre em meu sangue. *Minha vida, cinzenta, feia e mesquinha, de menino sertanejo reduzido à pobreza e à dependência pela ruína da fazenda do Pai, enchia-se dos galopes, das cores e bandeiras das Cavalhadas, dos heroísmos e cavalarias dos folhetos*” (p. 100); PI SANGUE É ESSÊNCIA DO SER e C; ESTIMULAR É QUEIMAR// C; A VIDA É UMA PESSOA // C; POBREZA É EMBAIXO

66. ORIENTACIONAL “*a estrada do Passado e do Presente*” (p. 101) // C; TEMPO É UM OBJETO QUE SE DESLOCA

72. ORIENTACIONAL “eu *baixava a cabeça*, corria de enfrentar morte

cruel para realizar minha realeza, e confessava para mim que preferia ser covarde vivo a ser um Rei degolado” (p. 105) // C; DESVIRTUDE É EMBAIXO

74. **ESTRUTURAL E ORIENTACIONAL** “Foi um grande momento em minha vida. Era a solução para o *beco sem saída em que me via!* Era me tornando Cantador que eu poderia *reerguer, na pedra do Verso, o Castelo do meu Reino*, reinstalando os Quadernas no Trono do Brasil, sem arriscar a garganta e sem me meter em cavalarias, para as quais não tinha nem tempo nem disposição, montando mal como monto e atirando pior ainda!” (p. 107) // C; VIDA É VIAGEM // C; VIVER É DESLOCAR-SE POR UM CAMINHO

76. ORIENTACIONAL “Ela *mora aí, no repertório literário que tenho, depositado*, a cargo da Mulher que amo!” (p. 110) // PI; MENTE É RECIPIENTE

79. ORIENTACIONAL “Ela, por ser inocente, *caiu no laço do Cão!* p. 113 // C; ESTAR SOB CONTROLE É EMBAIXO

82. ORIENTACIONAL “Era um sonho grandioso, um sonho *à altura da estirpe dos Quadernas*” (p. 116) // C; VIRTUDE É EM CIMA

86. ORIENTACIONAL “*Aquela altura*, eu já estava em petição de miséria” (p. 121) // C; TEMPO É ESPAÇO; AVANÇAR NO TEMPO É SUBIR

88. ORIENTACIONAL “Deixei a vereda, entrei pelo mato, *parei a certa altura*” (p. 127) // C; TEMPO É ESPAÇO; AVANÇAR NO TEMPO É SUBIR

90. ORIENTACIONAL “As Marrecas *enchem mais a vista*” (p. 129) // C; ACIMA É POSITIVO (cheio é acima)

93. ORIENTACIONAL “Um tal de João Ferreira coroou-se Rei, na Serra do Reino, e *meteu na cabeça do Povo* que Dom Sebastião ia ressuscitar aqui, tornando os pobres ricos!” (p. 136) // C; MENTE É RECIPIENTE

Grupo 4: Metáforas ESTRUTURAIS

1. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “Notícia da Pedra do Reino, com seu Castelo enigmático, *cheio de sentidos ocultos!*” (p. 27) // C;

SENTIDOS SÃO ENTIDADES // C; COMPREENDER É VER

5. **ESTRUTURAL E ORIENTACIONAL** [A divindade que] “há milênios, acicata a nossa Raça, *puxando-a para o alto*, para o Reino e para o Sol” (p. 31) PI; CONTROLAR É CAVALGAR// C; EM CIMA É PODER; EM CIMA É POSITIVO
8. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “(...) vê-se uma *rica Pérola, engastada em fino Ouro, que é a muito nobre e sempre leal Vila da Ribeira do Taperoá*, banhada pelo rio do mesmo nome” (p. 33) // C; LUGARES SÃO PESSOAS // C; LUGARES SÃO OBJETOS VALIOSOS
9. ESTRUTURAL “Sou um grande apreciador do jogo do baralho. Talvez por isso, *o mundo me pareça uma mesa*” (*de jogo*) (p. 34) // PI; MUNDO É MESA DE JOGO
10. ESTRUTURAL “*e a vida um jogo*, onde se cruzam fidalgos Reis-de-Ouro com Castanhas Damas-de-Espada, onde passam Ases, Peninchas e Curingas, governados pelas regras desconhecidas de alguma velha Canastra esquecida” (p. 34) // C; A VIDA É UM JOGO
11. ESTRUTURAL “esta é uma solicitação dirigida *aos brandos* peitos das mulheres e filhas de Vossas Excelências” (p. 35) // PI; TOLERÂNCIA É MOLEZA
16. ESTRUTURAL “*trazia às costas um mosquetão atravessado, preso a seu tronco*” (p. 40) // C; PESSOAS SÃO PLANTAS
17. ESTRUTURAL “Olhe, Quaderna, no dia em que eu der um salto e um grito, você pode correr: foi porque a Onça já comeu metade *da polpa da minha bunda!*” (p. 42); PI; PESSOAS SÃO PLANTAS
21. ESTRUTURAL “um Negro moço, *desempenado.*” (p. 51) // C; PESSOAS SÃO PLANTAS
22. ESTRUTURAL “o Negro Ludugero – ou Ludugero Cobra-Preta, como também era conhecido – *deu um rincho de jumento* e, levando o rifle à cara, atirou” (p. 52) // C; O HOMEM É ANIMAL IRRACIONAL
25. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “as forças da violência e as divindades subterrâneas *ainda estavam adormecidas* em seu sangue” (p. 58) // PI; SENTIMENTOS SÃO PESSOAS // C; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER

26. ESTRUTURAL “pois não tinham sido *despertadas pelo veneno do nosso convívio*” (p. 58) // C; CONHECER É ESTAR ACORDADO // PI; AFETAR NEGATIVAMENTE É ENVENENAR
28. ESTRUTURAL “A princípio, a história de minha família era para nós, Ferreira-Quadernas, uma espécie de estigma vergonhoso e de *mancha indelével do nosso sangue*” (p. 63) // C; VIRTUDE É LIMPEZA
29. ESTRUTURAL “O Execrável, *no espaço de três dias*, mandou degolar 53 pessoas” (p. 63) // C; TEMPO É ESPAÇO
30. ESTRUTURAL “Fiquei terrivelmente *abalado*” (p. 64) // C; SOFRIMENTO EMOCIONAL É CHOQUE FÍSICO
31. ESTRUTURAL “Fiquei, assim, apavorado e *fulminado*, por descender do sangue ferreiral-e-quadernesco” (p. 64) // C; SOFRIMENTO EMOCIONAL É CHOQUE FÍSICO
32. ESTRUTURAL “*carregado com tantos crimes!*” (p. 64) // C; CULPA É PESO
33. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “Só depois, aos poucos, *unindo aqui e ali uma ou outra idéia* que Samuel, Clemente e os outros me forneciam, é que fui entendendo melhor as coisas e descobrindo que podia, mesmo, transformar em motivo de honras, monarquias e cavalarias gloriosas, aquilo que meu Pai escondia como mancha e estigma do sangue real dos Quadernas” (p. 64) // C; IDÉIAS SÃO ENTIDADES // C; PENSAR É MANIPULAR OBJETOS
34. ESTRUTURAL “E, com isso, comecei a me libertar do *peso exclusivo de toda aquela carga de sangue*” (p. 64) // C; CULPA É PESO
35. ESTRUTURAL “tenho, ainda, *umas gotas de sangue judaico, herdadas de minha Mãe*” (p. 65) // C; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER
36. ESTRUTURAL “Depois daí, mesmo quando minha imaginação *pegava fogo*” (p. 65) // C; O ESPÍRITO É UMA SUBSTÂNCIA INFLAMÁVEL
43. ESTRUTURAL “a idéia sagrada e gloriosa de banhar as torres do nosso Castelo de Pedra com o sangue dos inocentes. É por isso que o Terceiro Império é que realmente *selou* o sangue dos Quadernas com o estigma indelével da realeza” (p. 75) // C; QUALIDADES SÃO MARCAS
45. ESTRUTURAL “meu bisavô teve a gloriosa coragem de iniciar o

grande *banho-de-sangue*” (p. 76) // C; BANHO DE SANGUE É MATANÇA

48. ESTRUTURAL “atraindo sobre a cabeça do Princepezinho *as marcas de sangue da família*” (p. 84) // C; QUALIDADES SÃO MARCAS

49. ESTRUTURAL “Eu, à medida que me punha *taludo*” (p. 86) // C; PESSOAS SÃO PLANTAS

51. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “*O sonho e o sangue se misturavam num fogo só, incendiado pelo desejo, pela beleza da mocinha, pelos cantos, pela noite, pela lua e pelas estrelas*” (p. 87) // C; SONHO É ENTIDADE e PI; SONHO É ALMA // C; AMOR É FOGO // PI; SANGUE É CORPO (metonímia) em ESTRUTURAL

52. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “As palavras do canto marcavam-me mais ainda porque *seu sentido era obscuro e estranho*” (p. 87) // C; SENTIDOS SÃO ENTIDADES // C; COMPREENDER É VER

54. ESTRUTURAL “– E um Cavaleiro? – insisti, *depois de anotar, em meu sangue, aquela noção de Princesa*, misturada para sempre, agora, ao cheiro e aos seios de Rosa” (p. 88) // PI; AFETAR É INSCREVER // C; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER

56. ESTRUTURAL “Aí, à medida que eu ia crescendo, *essas idéias iam cada vez mais se enraizando no meu sangue*” (p. 89) // C; IDÉIAS SÃO PLANTAS; PI SANGUE É ESSÊNCIA DO SER

57. **ORIENTACIONAL (ESPACIAL) E ESTRUTURAL** “pela velha Maria Galdina, *uma velha meio despilotada do juízo*, que nos freqüentava” (p. 89) // PI; PENSAR É DESLOCAR-SE NO ESPAÇO // PI; MENTE É VEÍCULO.

58. ESTRUTURAL “Uma região do nosso município onde *só dá doido*” (p. 90) // C; PESSOAS SÃO PLANTAS

59. ESTRUTURAL “*Uma ou duas braçadas de rosas* do seu terreiro” (p. 90) // C; BRAÇOS SÃO UNIDADES DE MEDIDA

60. ESTRUTURAL “tudo de repente *pegou fogo em minha cabeça*” (p. 91) // C; O ESPÍRITO É UMA SUBSTÂNCIA INFLAMÁVEL

61. ESTRUTURAL “Tudo isso, porém, era a princípio apenas uma raiz do sangue, uma *peçonha* confusa que *fincava dentro de mim suas raízes profundas e inarrancáveis*” (p. 92) // PI; EXPERIÊNCIAS SÃO

PLANTAS; PI; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER// C; IDÉIAS SÃO VENENO // C; PESSOAS SÃO SOLO

64. **ESTRUTURAL // ONTOLÓGICAS // ORIENTACIONAL** “Tornava também o mundo, aquele mundo sertanejo, áspero, pardo e pedregoso, um Reino Encantado, semelhante àquele que meus bisavós tinham instaurado e que ilustres Poetas-acadêmicos tinham incendiado de uma vez para sempre em meu sangue. Minha vida, cinzenta, feia e mesquinha, de menino sertanejo reduzido à pobreza e à dependência pela ruína da fazenda do Pai, enchia-se dos galopes, das cores e bandeiras das Cavalhadas, dos heroísmos e cavalarias dos folhetos” (p. 100) // PI; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER e C; ESTIMULAR É QUEIMAR// C; A VIDA É UMA PESSOA // C; POBREZA É EMBAIXO

65. ESTRUTURAL “Foi feito do pó da terra, *no Pó da terra termina!*” (p. 101) // C; PÓ É MORTE

67. ESTRUTURAL “Hoje, *tornados em Pó*, resta a Memória, somente!” (p. 101) // C; PÓ É MORTE

68. ESTRUTURAL “foram ainda esses versos que *me queimaram a memória, pegando fogo em meu sangue*” (p. 103) // C; O ESPÍRITO É UMA SUBSTÂNCIA INFLAMÁVEL

69. ESTRUTURAL “Resolvi *cortar o mal pela raiz*” (p. 104) // C; DIFICULDADES SÃO PLANTAS DANINHAS

70. ESTRUTURAL “Era a solução para o *beco sem saída em que me via*” (p. 107) // C; VIDA É VIAGEM

71. ESTRUTURAL “Todas essas grandezas e monarquias iam, assim, *tocando fogo em meu sangue*” (p. 105) // C; ESTIMULAR É QUEIMAR; O ESPÍRITO É SUBSTÂNCIA INFLAMÁVEL; IDÉIAS SÃO FOGO

73. ESTRUTURAL “Estavam as coisas *nesse pé*” (p. 105) // C; POSIÇÃO É PÉ

74. **ESTRUTURAL E ORIENTACIONAL** “Foi um grande momento em minha vida. Era a solução para o *beco sem saída em que me via!* Era me tornando Cantador que eu poderia *reerguer, na pedra do Verso, o Castelo do meu Reino*, reinstalando os Quadernas no Trono do Brasil, sem arriscar a garganta e sem me meter em cavalarias, para as quais não tinha nem tempo nem disposição, montando mal como monto e atirando pior ainda!”

(p. 107) // C; VIDA É VIAGEM // C; VIVER É DESLOCAR-SE POR UM CAMINHO

75. ESTRUTURAL “Anexei às raízes do sangue aquela fundamental aquisição do Castelo literário, e continuei a refletir e sonhar, errante pelo mundo dos Folhetos” (p. 107) // I; SANGUE É PLANTA

76. ESTRUTURAL “Ela mora aí, no repertório literário que tenho, depositado, a cargo da Mulher que amo!” (p. 110) // PI; REPERTÓRIO LITERÁRIO É RECIPIENTE

77. ESTRUTURAL “Monsenhor Agnelo, descobrindo que o fruto estava maduro, pensava: ‘Agora é necessário aplicar-lhe um pouco de óleo sensual que lhe sirva de antídoto’” (p. 111) // C; PESSOAS SÃO PLANTAS

78. ESTRUTURAL “Chegou no Seridó, liso: não tendo de que viver” (p. 112) // I; DESPROVIDO É LISO

80. ESTRUTURAL “A Velha disse: – Meu Velho, é mesmo! Não mate João, senão nossa filha fica perdida e *sem cotação!*” (p. 114) // PI; VIRGINDADE É MOEDA

81. **ESTRUTURAL E ONTOLÓGICA** “Assim, aos poucos, ia se formando no meu sangue o projeto de eu mesmo erguer, de novo, poeticamente, meu Castelo pedregoso e amuralhado. Tirando daqui e dali, juntando o que acontecera com o que ia sonhando, terminaria com um Castelo afortalezado, de pedra, com as duas torres centradas no coração do meu Império” (p. 115) // C; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER // C; EXPERIÊNCIAS SÃO ENTIDADES

83. ESTRUTURAL “Com essas coisas ardendo na cabeça, passei a noite de ano-novo de 1934 na mais tensa expectativa” (p. 118) // C; O ESPÍRITO É SUBSTÂNCIA INFLAMÁVEL

84. **ONTOLÓGICA E ESTRUTURAL** “não poderia impedir que *irrompesse de dentro dele aquela violência obscura e cega que morava nos recessos de seu sangue* e que foi a causa de tantos infortúnios para nós e para ele mesmo” (p. 119) // PI; SENTIMENTOS SÃO PESSOAS// C; SANGUE É ESSÊNCIA DO SER

85. ESTRUTURAL “(...) em cuja casa chegamos *com a noite já caindo*” (p. 121) // C; CAIR É CHEGAR

87. ESTRUTURAL “Acresce que, perante Malaquias e as pessoas de sua roda, eu era respeitado exatamente por aquilo que, para mim, era uma *fonte de humilhação*” (p. 123) // C; RAZÃO É FONTE
89. ESTRUTURAL “O Sol já começava *a cair*” (p. 129) // C; MOMENTO É ALTURA
91. ESTRUTURAL “*Minha cabeça estava pegando fogo*” (p. 131) // C; O ESPÍRITO É SUBSTÂNCIA INFLAMÁVEL
92. ESTRUTURAL “– E por que é que a Serra do Reino é tão ‘falada’, assim? – perguntei, *jogando verde para colher maduro*” (p. 135) // C; PERGUNTAR É PLANTAR
95. ESTRUTURAL “Cachoeira continuava à frente, e, apesar dos seus setenta anos, ia com o passo lépido e seguro de andarilho sertanejo, *com o tronco desempenado, seco e duro*” (p. 140) // C; PESSOAS SÃO PLANTAS
96. ESTRUTURAL “Em tempo de me acabar de ansiedade, com as mãos trêmulas e a vista meio escura, *com ar de doido*, coloquei rapidamente outro cartucho na espingarda e, encostando o cano bem no cabelouro da bruta, disparei-lhe o tiro de misericórdia” (p. 144) C; APARÊNCIA É AR
100. ESTRUTURAL “*o próprio Taparica já estava começando a pegar fogo* com a história da Pedra do Reino e com a possibilidade de ser Príncipe” (p. 153) // C; O ESPÍRITO É SUBSTÂNCIA INFLAMÁVEL